

**TESTA, E. *ABLATIVO*. TRADS. PATRICIA PETERLE,
SILVANA DE GASPARI, ANDREA SANTURBANO.
SÃO PAULO: RAFAEL COPETTI, 2014.**

PRISCA AGUSTONI DE A. PEREIRA

Na coletânea *Ablativo*, do poeta italiano Enrico Testa, recém-publicada no Brasil pela Rafael Copetti Editora de São Paulo graças à competente tradução de Patricia Peterle, Silvana de Gaspari e Andrea Santurbano, há uma presença constante da natureza como elemento que desencadeia, no olhar do espectador, uma reflexão de cunho existencial, inquieta e inquietante, sobre “o estar-no-mundo”, conforme assinala Peterle no Posfácio (p. 200). Essa natureza (cães, gatos, abelhas, álamos, narcisos, oliveiras, prunos selvagens etc.) é sempre filtrada através de algo perturbador, embora a linguagem poética de Testa nunca assuma tons elegíacos ou proféticos. Ao contrário, segue seu ritmo compassado afinado com o cotidiano,



com o passo do “homem comum” que anda no meio do seu mundo, lembrando um pouco o andar de Cesário Verde, mas com menos *pathos* e mais *ethos*, ou seja, norteado menos pelo sentimento e mais pelo gesto, pela intenção, pelo olhar, sempre oblíquo, sobre o real. Há, portanto, elementos do mesmo desconforto existencial (p. 202), salientado na obra de Montale, no olhar do conterrâneo Testa, um desconforto que cobre a coletânea numa nevoa de suave desterro, como se o eu-lírico estranhasse e ao mesmo tempo ficasse recolhido na sua própria geografia íntima, povoada por amigos, familiares, gestos comuns e rotineiros e, no entanto, “reconhecíveis e irreconhecíveis” (p. 57).

Esse olhar oblíquo atravessa os versos da coletânea e se torna mais evidente na seção *Gramática*, onde o poeta destrincha com maior eficácia o que subjaz nossa existência, um viver “entre dativo e acusativo” pela maior parte do tempo, como uma cegueira que nos encobre, e, ao acordar dessa cegueira, “dirigido algures e a outros / ou à espera de uma chamada”, o eu-lírico confessa agora “viver no ablativo”, isto é, na pausa que pensa, identificando um movimento subterrâneo, uma força quase invisível que é a esperança, embora sem idealizações ou falsas promessas, seguindo o tom desses versos: “quem dera uma breve mensagem sua [...] / me bastaria uma única carta / mesmo que carcomida ou corroída” (p. 153).

Nesse sentido, o estado de quase cegueira representa um dos *leitmotiven* da coletânea, identificado na insistência de imagens que representam esse estado de quase letargia da sensibilidade, quer sejam “névoa, amanhecer, sombra, escuro, nebulosa”, entre outras. No entanto, essa cegueira é quebrada, por momentos, por pequenas epifanias – em nada portadoras de redenção – durante as quais o sujeito lírico parece enxergar através do invisível e, às vezes, irônico, outras vezes desorientado, tentar entender.

A poesia que Enrico Testa propõe aos leitores brasileiros, aqui mediada pela cuidadosa tradução de três professores de literatura italiana da Universidade Federal de Santa Catarina, vai na contramão das fáceis receitas de autoajuda para o caminho da felicidade (tão em alta em nossa contemporaneidade efêmera e devoradora) e sim, se alinha à já tradicional poesia italiana reflexiva, que ao longo do século XX foi protagonizada por nomes como Camillo Sbarbaro, Eugenio Montale, Giorgio Caproni, Vittorio Sereni entre outros, conforme revelam esses versos inquietantes e capazes de gravar interrogações profundas, antigas e contemporâneas, na sutil membrana da existência: “não temos mais nada para ti. / Despojamo-nos de tudo. / Mesmo a palavra em breve desaparecerá / na bacia nebulosa / que temos à nossa frente. // Só com a tua pouca fantasia / poderás, se quiseres, / ainda nos imaginar. / Não lhe dê, porém, demasiado crédito / e não te aventures a ver / o que não existe” (p. 79).